

GUIA DE FONTES PARA A HISTÓRIA DE ALAGOAS¹

Rodrigo José da Costa²

Desde que a História se constituiu enquanto ciência, no século XIX, a mesma possuía características bastante específicas, ou seja, uma preocupação com os fatos políticos; a exaltação dos vultos sagrados (heróis); a preocupação da história era servir para a previsão dos fatos do futuro; e havia uma valorização do documento como referência para se chegar à verdade. Tal maneira de se fazer história ficou convencionalmente conhecida como positivismo, no qual os historiadores alemães acabaram se destacando (Leopold von Ranke entre outros)³.

A partir dos acontecimentos que assolaram o mundo no início do século XX, como a primeira guerra mundial (1914-1918) e o crack da bolsa de valores de Nova York (1929), os historiadores, definitivamente, perceberam que a idéia de estudar o passado para entender o presente e prever o futuro nunca seria um dos objetivos daqueles que pensavam, escreviam e faziam a História. Da mesma forma, se constatou que a história não se construía somente de fatos políticos, as questões econômicas, sociais, religiosas e mentais também eram facetas do jogo histórico que não deveriam ser desprezadas pelo historiador. Logo, foi dentro desta perspectiva que surgiu, nos anos 20, a escola francesa dos *Annales* e os teóricos marxistas.

Os primeiros, encabeçados por Lucien Febvre e Marc Bloch, defendiam uma valorização dos aspectos sociais e mentais para uma análise histórica, bem como estavam preocupados em explorar ao máximo os documentos, sobretudo os seriais que possibilitavam uma quantificação em massa de dados e informações. Foi também com os *Annales* que o interesse com as delimitações temporais, geográficas e teóricas passaram a fazer parte da vida dos historiadores. Enquanto isso, os marxistas, calcados nos escritos de Karl Marx e Friedrich Engels, buscavam uma análise muito mais econômica da sociedade. Para eles, seria através das questões econômicas (infra-estrutura) que se entenderia o que o mundo estava passando naquele momento. Além disso, os mesmos trouxeram a história-problema como recurso essencial para a análise dos historiadores.

Marxistas e analistas se confrontaram com teorias ou referências para os historiadores até a década de 70 quando surgiram em cena os italianos com uma outra proposta para análise

¹ Pesquisa desenvolvida no Núcleo de Pesquisa sobre História de Alagoas, vinculado ao Departamento de História da Fundação Universidade Estadual de Alagoas, orientado e coordenado pelo Prof. Ms. Antonio Filipe Pereira Caetano. Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História Local Para Além das Fronteiras: Fontes de Pesquisa e Metodologia Aplicada", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduando em História pela Fundação Universidade Estadual de Alagoas. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq/FAPEAL).

³ Cf. Peter Burke (Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

histórica. Depois da instituição da história-problema, da valorização do documento, da ampliação dos campos da história, da constituição de bases teóricas, foi com uma nova abordagem histórica que autores como Carlo Ginzburg e Giovanni Levi se preocuparam. Para estes autores uma análise dos acontecimentos históricos seria vista de forma mais adequada quanto mais se reduzisse o campo ou área de atuação de um fenômeno. Desta maneira, começava a se delinear a abordagem micro-histórica⁴.

O grande lema dos micro-historiadores foi a redução da escala de observação dos objetos de pesquisa. Tal opção metodológica ampliava a capacidade de um estudo mais aprofundado do historiador, já que possibilitaria entender melhor a formação de identidades, a constituição de redes de poder e relações sociais, bem como descortinaria a existência de peculiaridades de determinadas localidades, cidades ou regiões. Além disso, a proposta dos micro-historiadores não seria do isolamento da análise nos aspectos genuinamente locais, mas, pelo contrário, da constante inter-relação entre mundo local e o mundo total⁵, bem como do rastreamento de pistas/sinais como um recurso essencial acionado pelo historiador para melhor dar conta de seu objeto⁶.

Dentro de todas estas alterações na paisagem historiográfica, que o nosso trabalho, que propõe um levantamento de documentos (escritos, sonoros, iconográficos, bibliográficos e visuais) sobre a História de Alagoas nas principais instituições, órgãos e mecanismos de pesquisa que condicionem dados sobre Arapiraca, cidade do interior alagoano que, é hoje uma das regiões mais populosas do Estado de Alagoas. Dessa forma esta nossa reflexão se envereda para uma discussão sobre a construção da História Local.

Refletir sobre história local, no momento atual das produções e discussões historiográficas, nos remete necessariamente a uma inserção com micro-história - dos já citados Ginzburg e Levi – fundadores da revista intitulada *Quaderni Storicj*, e diretores da coleção *Microstorie*, publicada pela Editora Einaudi, na década de 80⁷, a micro-história acabou por adquirir status de variante, com contornos muito próprios, entre os caminhos até então trilhados por autores afinados com a construção de uma história social e cultural centrada em escalas mais circunscritas de análise das relações sociais.

Segundo esse ponto de vista, enfoques sobre as histórias particulares de indivíduos, vilarejos grupos específicos – entre instituições, associações e classes – passaram a ser privilegiados entre os objetos e objetivos dos que procuraram valorizar o “micro”. Mais do que uma diferenciação em termos de objetos de estudo, a micro-história definiu-se por

⁴ Cf. Giovanni Levi. “Sobre a Micro-História”. In: Peter Burke (Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

⁵ Cf. Jacques Revel. **Jogos de Escalas: a Experiência da Micro-análise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁶ Cf. Carlo Ginzburg. **Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁷ Cf. Jacques Revel. Op. Cit. p.15.

escolhas metodológicas que hoje passam a ser mais problematizadas por seus realizadores, entusiastas e críticos.

Para Jacques Revel, ela deve ser encarada como um *sintoma historiográfico*, pois constituiu-se, na prática, como uma espécie de reação contra certas metodologias e eixos conceituais consagrados por produções da história social dimensionada pelo paradigma de uma inteligibilidade global do social, e centradas na confiança e na eficácia de uma abordagem macrossocial totalizadora.

O questionamento desses pressupostos, trouxe, entre outras contribuições, o ato de submeter certos recortes de análise até então consagrados pelos métodos de quantificação – a paróquia, o conjunto regional, cidade, a profissão – as revisões do uso dessas categorias⁸. Assim a preferência pela construção de séries, em particular na demografia histórica, onde somente a correlação de diversos dados isolados sustentaria análises sobre aspectos da vida social, veio a ser relativizada sob o prisma de valorização daqueles casos particulares e únicos.

Revel acrescenta que micro-história pautou-se na mudança das escalas de análise, com isso produzindo diferentes *efeitos de conhecimento*. Como no uso de uma lente objetiva, em fotografia, o enquadramento do objeto focado não se limita a mera ampliação ou redução do mesmo, mas a própria maneira de apresentar sua forma. Em uma outra perspectiva, a arte e as técnicas cartográficas não consistem apenas em apresentar em diversos tamanhos uma paisagem que se quer fixa e constante, a escolha da escala e sua explicitação e sua explicação é a chave de criação e de leitura para os conteúdos desse tipo de representação, e de apropriação cognitiva, do espaço geográfico⁹. Foi por intermédio dessas premissas que conseguimos conjugar microscópios, moscas e monstros a outros efeitos de conhecimento¹⁰.

Então, a partir desses estudos preliminares, acreditamos que justamente nesses campos mais circunscritos de construção das relações sociais é que se possam promover análises mais factíveis dos imbricados processos de sedimentação das identidades sociais, em particular dos sentimentos de pertencimento e dos vínculos afetivos que agregam homens, mulheres e crianças na partilha de valores comuns, no gosto de sentir ligado a um grupo e não a outro. Pertencimento, por sua vez, associado a uma experiência coletiva a qual se soma também o valor de posse e controle sobre uma terra específica, lugar geográfico de uma territorialidade cuja existência material fundamenta o código de referências de uma mesma identidade social.

⁸ Cf. Jacques Revel. Op. Cit. pp.16-19.

⁹ Cf. Jacques Revel. Op. Cit. p. 20.

¹⁰ Haydée Figueiredo, Luiz Reznik & Márcia de Almeida Gonçalves. "Entre Moscas e Monstros: Construindo Escalas, Refletindo sobre História Local". In: **Anais do IV Encontro nacional de Pesquisadores do Ensino de História**. Ijuí: Editora Unijuí, 2000, p.545-553.

Esse conjunto de reflexões, desenvolvidas até aqui, nesse texto, estão inseridas em projeto acadêmico, desenvolvido nos Campus Regional da Universidade Estadual de Alagoas, em Arapiraca e Palmeira dos Índios. E a “inspiração” vinha da necessidade de que os jovens estudantes de História, moradores da cidade em questão e futuros professores em suas escolas de ensino fundamental e médio. Na formação para o ofício historiador, experimentada compulsoriamente pela monografia de final de curso, a vontade de narrar, explicar, rememorar, esquadrihar aquele espaço social, local de suas vivências e memórias afetivas. Desejo quase inacessível, difícil caminho de lidar com registros dispersos, silenciados por uma identidade difusa, sufocada pela proximidade com uma cidade capital: Maceió. Estranho destino da localidade satélite, que cresceu à sombra de um gigante e é por ele encantada e obscurecida¹¹.

Visões contraditórias entre o feio e o idílico, entre a detração e o ufanismo ingênuo, entre o desejo de exílio e a afirmação desesperada do localismo, permeiam essa identidade. Identidade esmaecida, assegurada e vivificada, em grande parte, pelo poder público instituído. Nessa frágil cumplicidade entre cidadãos e Estado local, ganha centralidade, as rotinas do poder executivo municipal, em particular a escola municipal e a disciplina História do Município como instância socializadora da criança na comunidade circundante.

Assim, mais do que um projeto, configura-se como um programa de ação: envolver alunos, professores (e posteriormente, a comunidade) na construção de Histórias, em Arapiraca. Com isso, a primeira fase do nosso trabalho foi a de levantamento e catalogação dos registros documentais disponíveis, cuja utilização ainda aguarda sentidos e significações que dependem do ofício do historiador.

Levantar esse material representou retirá-lo do silêncio e do esquecimento, abrindo caminho para a multiplicação de narrativas. Por outro lado, num jogo curioso, foi com muito prazer que verificamos ter estimulado, em algumas instituições, um maior cuidado com o seu próprio acervo.

As escolhas dos acervos – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Paróquia da Igreja Matriz, dos Cartórios de Ofício de Notas e o Jornais Gazeta de Alagoas e Alagoas em Tempo para citar alguns exemplos em Arapiraca – foram feitas de acordo com a importância das mesmas enquanto órgãos de pesquisa. Além disso, privilegiou-se tentar dar conta da maior quantidade possível de acervos diferentes como o eclesiástico, o cartorial, o estatístico, o periódico e o manuscrito.

O IBGE, primeira instituição visitada pelo projeto revelou em seu acervo censos de toda ordem de temas, no tocante a censos prediais, econômicos comerciais, industriais; livros referentes à história e geografia de Alagoas e; por fim estatísticas do governo municipal.

¹¹ Cf. Haydée Figueiredo, Luiz Reznik & Márcia de Almeida Gonçalves. Op. Cit. p.550.

Algumas dificuldades como o despreparo do contingente físico, para tratar, lidar e manusear a documentação foi visível.

Na paróquia, foram levantados Livros de Batismo, Casamento, Tombo, em significativa quantidade. Normalmente, a documentação eclesiástica, por ser mais antiga, sempre é encontrado nela, os maiores problemas físicos e de acondicionamento. Entretanto isso não é o que acontece com o corpus documental da Igreja Matriz. Apesar da exigência obrigatória de autorização por parte do pároco, o material está em excelente estado, pouquíssimas vezes visto em outras instituições dessa natureza e logicamente tal preservação é resultado da própria restrição controlada de acesso aos documentos.

Apesar da restrição quanto a entrada no acervo cartorial, algumas catalogações puderam revelar alguns Livros de Testamento e de Reconhecimento de Firma. A pesquisa nos cartórios sofreu alguns revezes, uma vez que o acesso teve que ser feito judicialmente, dado o impedimento por parte dos responsáveis pela instituição a entrada no acervo.

Nos jornais, um ponto a ser destacado é a da pouca documentação encontrada, uma vez que as sucursais da Gazeta de Alagoas e do Alagoas em Tempo, são de recente atividade no município. A estrutura das instituições não possui acomodações para a pesquisa, mas qualquer interessado nas fontes periódicas do Estado vai encontrar lá um bom local para conseguir informações.

Um reflexo positivo deste nosso conjunto preliminar de conclusões acerca do *Guia de Fontes para História de Alagoas*, se justifica pelo contato com um vasto acervo documental sobre a cidade de Arapiraca, ressaltando-se que pode haver ainda muita documentação sobre a cidade em questão em outros acervos não só do Estado de Alagoas, mas de outras instituições de pesquisa a nível nacional. Portanto é necessário que se façam algumas considerações acerca das conquistas da pesquisa.

Em primeiro lugar é imprescindível frisar que a existência de uma abundância documental. Não só pela quantidade das fontes, mas também por sua diversificação (mapas, censos, livros, apostilas, monografias, dentre outros). Isso nos levou a concluir que o discurso, visto nas salas de aula da Universidade (FUNESA), da inexistência de referências documentais para a realização dos trabalhos de conclusão de curso (tcc's), é extremamente equivocada. E, infelizmente, tal situação nos descortinou também o próprio desconhecimento dos alunos da localidade para com os órgãos de produtores de fontes históricas.

No que se refere a estes espaços de pesquisa a situação não é tão diferente assim. O péssimo estado físico dos documentos de alguns acervos - principalmente aqueles de caráter público - é alarmante. Não há indexação das fontes com índices, catálogos ou instrumentos de pesquisas; elas estão acomodadas de forma inadequada; não se usam materiais apropriados para o seu manuseio: e as mesmas encontram-se desorganizadas, seja temática cronológica ou numericamente. Aliado a isso, encontramos a própria

inexistência de pessoas especializadas para o trabalho nestes lugares, o que contribui ainda mais para a desorganização deste patrimônio e da concessão de mau informações sobre esta estrutura.

Por fim, as condições encontradas de alguns *corpi* documentais trazem a necessidade de um rápido trabalho de restauração que não se restrinja somente ao espaço físico, mas, principalmente, no que tange a seu condicionamento e catalogação, essenciais para uma agilidade, higiene e conforto para o pesquisador que acessa estes órgãos.

Referências bibliográficas:

BURKE, Peter (Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Edunesp, 1992.

FIGUEIREDO, Haydée, REZNIK, Luiz e GONÇALVES, Márcia de Almeida. “Entre Moscas e Monstros: Construindo Escalas, Refletindo Sobre História Local” IN: **Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, Coleção Trabalhos Acadêmicos-Científicos, Série Eventos Acadêmicos, 2000, p.544.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais – Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal**. Maceió/ São Paulo: Catavento, 2000.

REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de Escalas: a Experiência da Microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

VERÇOSA, Elcio. **Cultura e Educação nas Alagoas. História, Histórias**. Maceió: Secretaria Estadual de Educação de Alagoas, 2001.